

A RAZÃO

Director e Editor, DR. DAVID DE OLIVEIRA

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 47 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua de Francisco Aguiar, 4

Guimarães, 9 de Dezembro de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - FAFE

Rinda o 1.º de Dezembro

Continuando...

Mãe educação

A Academia Vimaranesa, como nos demais anos, comemorou a grande data histórica realizando uma recita de gala no Teatro de D. Afonso Henriques.

Subiram à scena as peças «O Primeiro Beijo», de J. J. Dantas e uma comédia franceza, traduzida e adaptada pelos srs. Coronel Tibúrcio de Vasconcelos e o nosso illustre colaborador, Capitão Duarte Fraga, cujo desempenho agradeço e pelo que felicito os rapazes.

Ao ensaiador, sr. Capitão Fraga, não regatearemos os nossos aplausos, porquanto sabemos que o tempo foi insufficiente e isto de aturar estudantes, só o sabe quem por lá passou.

A encenação foi posta a rigor, especializando a da 1.ª peça, que era de surpreendente efeito.

De nossos parabéns.

Danças Nicolinas

Após o cortejo das maçãs, realizaram-se as tradicionais Danças Nicolinas, que, como nos primeiros anos das festas, percorreram as ruas da cidade.

No Teatro foram exibidas 2 véses, sendo muito ovacionados o seu autor, P.º Gaspar Roriz, o ensaiador Jerónimo Sampaio e José de Pina, a quem Jerónimo Sampaio teceu elogios merecidos, lembrando a sua mocidade, o seu culto pelos estudantes-velhos e o seu talento.

Micéforias

São únicos, numa terra que se diz sede dum concelho de 1.ª classe!!!...

Aquilo só visto... só de longe apreciado!!!...

O que nos admira mais ainda, é o não reparo dos srs. vereadores da Câmara naquelas belezas que semearam pela cidade! Certamente fazem uso deles como qualquer mortal (o que iríamos duvidar se não tivéssemos visto) porque, francamente, os trazem as narinas tapadas — o que é naturalíssimo neste tempo — ou então... não sabemos explicar o que seja higiene!

Convencidos estamos de que qualquer terreola sertaneja apruma nisto muito mais, do que o berço da nacionalidade portuguesa!

E o fengraçado é que não coram de vergonha!

—Pouca vergonha, dissemos nós.

Para que um pouco mais completa se torne a opinião por mim emitida sobre o actual momento político, entendo ser necessária mais uma leve dissertação a propósito do assunto.

O meu fraco modo de vêr e a minha independencia politica, aconselham-me uma expectativa e assim apresentei variadas considerações que se me afiguram as mais adequadas ao verdadeiro sentimento da Pátria.

Continuando na mesma ordem de ideias, julgo que o procedimento a adotar para com o Governo, deverá ser de fiscalisação patriótica e discussão sem acinte das suas acções. Podem perguntar-me, se um auxilio por parte das oposições será lógico!

Aliçura-se-me que sim, desde que todos os portugueses considerem o Governo capaz de conseguir o ressurgimento do País, trabalhando com resultado, quer na sua parte económica, quer propriamente na sua parte financeira. Se o seu procedimento fôr por todos considerado, pelo menos razoavel, creio que o auxilio a uma obra de moralisação seja qual fôr a cor partidária daqueles que tenham de a pôr em prática, se impõe.

Se amanhã, falidos os propósitos deste Governo, o partido extremista da Republica — assim classificado o partido radical — tivesse de presidir aos destinos do País, era ainda esse, na minha fraca visão politica, o caminho que aconselharia e trilharia.

O auxilio prestado a um inimigo correcto, leal e sincero, o auxilio concedido a um rival que, militando no mesmo campo, se propõe realizar aquela obra que mais própria julgamos para realisação dos nossos ideais. O auxilio, não sendo protecção, oferecido sem intenções ou fias politicos — portanto livre de quaisquer reservas — a um grupo de homens que apenas trabalhe pelo bem-estar de Portugal, longe de deslustrar a entidade que o concede, ou de amesquinhar o seu valor e a sua importancia, dignifica-a, enobrece-a e angaria-lhe simpatias que só muito difficilmente desaparecerão.

Tal modo de pensar está, é claro, sujeito a muitas apreciações, mas, diz-me a razão, que representa o dever de todo o republicano que deseja para a sua terra natal a honra e a prosperidade a que tem direito.

Fala-se muito em revoluções com o fim de derrubar o Governo. Francamente, tais afirmações se nos trazem o desanimo e tristeza, não deixam todavia de nos causarem riso de mistura com espanto!

Vive ou não o Governo com o Parlamento? Vive. Por consequencia, ou o Parlamento considera boa a sua obra e o deixa dirigir o mecanismo da vida nacional, ou o Parlamento julga prejudicial a sua acção e, nesse caso, indica-lhe a porta de saída do Poder.

E' isto que me parece justo, razoavel e patriótico. O contrario, não.

Xerxes.

FALIDOS?

A propósito da última crise o «Eco», pela pena de Ego, proclama aos quatro ventos a falência de Afonso Costa, do partido democrático e consequentemente da Republica.

Não é bem assim, sr. Ego.

Não somos partidários, nem o é a «Razão». Não nos pertence, portanto, a defesa do partido democrático, mas pertence-nos a defesa da Republica, regimen que o Povo de Portugal escolheu para que, tendo falido miseravelmente a Monarquia, não fosse o País arrastado nessa falência.

Mas é caso para perguntar a Ego: — Pelo facto de ser demorada a solução duma crise, por meros motivos politicos como se viu, ha o direito de dizer-se que faliu o Regimen?

Porque a um homem não foi possível organizar ministério com as individualidades que ele só

escolhia, ha que proclamar-se falido o Regimen de que esse homem é simplesmente um adepto, aliás valiosissimo?

Ora é que não é doutra forma a argumentação dos monarchicos. Falidos eles só, e em tudo. Senão...

Que foi o regimen monarchico desde 1834 a 1910 senão uma contínua falência?

Aliados da Inglaterra, nunca a Monarquia soube sustentar com brio essa aliança. Fez-nos perder Kionga, a Rhodésia e sotrer o vexmae de Mac Kurdo, esse tremendo desaire que nos ia fazendo perder Lourenço Marques e o seu Caminho de Ferro, sendo necessária a arbitragem de MacMahon para o reconhecimento dos nossos direitos.

Com a politica ambigua de Barros Gomes quiz a Monarquia incorporar-nos na constelação dos satélites da Alemanha. E isso trouxe-nos como resultado o motivo para a Inglaterra nos arrebatat a Rhodésia e nos impôr o

vergonhoso ultimatum de 1891. Com a politica infamamente neutra da Monarquia, ficámos neutrais na guerra entre a Inglaterra e o Transvaal, para deixarmos passar tropas inglesas na nossa Beira!!!

Os monarchicos por ventura já se esqueceram do célebre Convénio de Carrilho?, da questão Hinton, dos contratos dos Tabacos e dos Fósforos, dos Adeantamentos, dos hiates reais, de tantas, tantas vergonhas?...

Sr. Ego, ponha de lado a sua qualidade de monarchico, e diga-me em presença de factos da nossa vida interna e externa, mas com lealdade e sem paixões: Quem faliu?

¿Pois não faliu o próprio D. Manoel com a sua esterilidade que acabava de vez com a dinastia, se ela ainda reinasse?

Pois não faliu vergonhosamente Paiva Couceiro em Valença, em Vinhais, em Chaves e no Porto?

Pois não faliu os monarchicos

«Essa mulher será necessariamente má esposa má mãe, má educadora»

«Mediante o estudo da história e das leis da sociedade, penetrará no coração da mulher o culto da pátria e da liberdade, que falta hoje assás frequentemente não só nas classes inferiores, mas até nas que se dizem elevadas.»

André Angiulli.

Tendo assistido no 1.º de Dezembro à recita de gala promovida pela Academia Vimaranesa, que é digna de todos os louvores pelo culto que lhe merecem as grandes datas da nossa história, tive occasião de apreciar um triste espectáculo dado por algumas damas que se encontravam no teatro, o que mais uma vez veio confirmar que a condição intelectual e moral da mulher é ainda assás deplorable.

Quando o presidente da Academia terminou o seu discurso, numa vibrante saudação à Pátria, a banda regimental executou o Hino Nacional.

Pois bem: enquanto a plateia, num mesmo impulso e sem distincção de credos politicos, se ergueu respeitosa e, algumas das grandes damas que se encontravam nos camarotes, grandes damas da nobreza do balcão, deixaram-se ficar sentadas, rindo alvar e maliciosamente daquelas senhoras que, erguendo-se, saudaram a Pátria.

Deram uma prova de má educação moral e intelectual.

E que outra coisa poderíamos esperar?

O que o berço dá, tumba o leva.

Karl.

cos em Monsanto perante o heroísmo dos soldados do Povo?

Faliu a Monarquia, sr. Ego, e para que o País não falisse e não venha a falir é que a Republica se fez, vive e ha-de viver.

LÉDECÉ.

REDUÇÕES

Está tudo muito bem, meus senhores, me vão muito bem.

—A hora é de sacrifícios?

E sim, senhores.

—O Estado está pobre?

Está sim, senhores.

—Andam dinheiros mal aplicados?

Andam sim, senhores.

—Ha Escólas P. S. e Liceus a mais?

Ha sim, senhores.

—Ha officiaes do Exército a mais?

Ha sim, senhores.

—Ha empregados publicos em demasia?

Sim senhores: ha, ha e ha!

Está tudo muito bem e a verdade, a grande verdade, é que isto, tal como vai, não pode continuar. O bem da Pátria e, consequentemente, o bem de todos nós, está pelas ruas da amargura! Andá tudo desequilibrado, tudo fóra dos eixos! Urge por isso pôr as coisas nos seus respectivos lugares e, para isso, reduzir ao estritamente necessário o superfluo. Mas...

—Cá está o diabolico «mas». Mas qué?

—E os ladões? Sim os ladões, ésses sujeitos todos com quem a gente todos os dias se esbarra, ésses que por mandam a dar cartas a lér — porque não sabem lér — ésses que nos enlameiam com os seus carros luxuosos, assim como quem encarra para tudo, ésses que nos roubam infame e descaradamente, que se riem de nós; ésses todos que já irritam noutros tempos as iras do sr! Cunha Leal a ponto de quasi o obrigarem a ir de Guarda Republicana, rebentar-lhes os cofres, ésses, todos ésses, não entram tambem na redução?

A trauliteirada, os senhores conhecem, ésses celeberrimos cavalheiros que *serviram* a Republica para melhor a trairerem, ésses todos que pediram forcas e cadeiros para dependurarem republicanos; ésses, todos ésses cavalheiros que apoiaram o projecto de lei, ou coisa parecida, que demitiu dos seus logares todos os republicanos, logares que seriam preenchidos por gente da grei, entrarão tambem definitivamente, na redução?

Respondam senhores!

—Ha officiaes, professores e empregados a mais? Ha.

—E' necessário reduzir o seu numero? E'.

—Lucra o Estado com essa redução? Lucra.

Está certo.

Mas, ha officiaes, professores e empregados que teem cumprido e cumprem com os seus deveres e dos quais a Nação e a Republica tem coihido trabalhos e sacrificios.

Ha-os tambem — e em que larga escala! — que, não só deixam de cumprir com os seus deveres, como até, o que é mais grave ainda, contrariam e desfazem os sacrificios e trabalhos dos outros.

Diz-se, e é certo: não ha

trigo sem joia. Pais nem mais nem menos: faç - se a escolha.

Dentro duma Republica entendemos que todos os seus servidores devem ser republicanos. Desprezar este principio é, nem mais nem menos, que trair a Republica.

Ha officiaes a mais? Fica dispensosissimo o nosso Exército? Porque se teem reintegrado e reformado officiaes inimigos da Republica? Porque se sustentam no serviço activo do Exército ésses individuos? Porque se toleram professores nas várias escolas, joimigos da Republica, se é nas Escólas que reside o Portugal de amanhã? Porque razão se admitem funcionarios anti-republicanos se o seu trabalho, longe de beneficiar o Estado, o lesa e prejudica? Porque motivo se permitem acumulacões de logares?

E' preciso reduzir despezas? E'. — E', não só preciso como é forçoso.

A ganancia e a exploração do alto comércio e grande industria deve ter atingido já o ponto culminante! O ramo descendente da curva é o caminho que a consciencia nacional lhes aponta. O Estado está pobre, porque? Só porque ha funcionarios a mais? Suprema mentira? Ultimo dos escarneos?

Onde está o ouro, traidores, que pague um momento que se vive na incerteza do momento que passa? A vida dum homem, filadores, vale um pouco mais que a chita e o pão pôdre que vendeis! Enquanto o Exército, ou melhor, uma parte do Exército se batia, definhando-se na mais longa dor que a vossa fantasia nem em sonhos pode imaginar, vós, os que hoje mais pregais contra a sua existencia, mil vezes mais **ladrões** que os **diplomados d'Azambuja**, amontoaveis, construis os vossos impérios de ouro! Longe da Pátria que vós tripudiais, essa parte do Exército... morria.

E o seu sangue não subiu de preço, bandidos, embora o pão e tudo o mais, por causa da guerra, iniciasse a infinita escalada!

—E o funcionario publico? Quem é si que não conheça a triste historia do funcionario publico? — Mas ganham rios de dinheiro!...

—Sim! Como se éle não fosse o jaguete do monstruoso crimel! O Estado aumenta? Aumenta a ganancia dos ladrões. O Funcionario pede? A vontade dos ladrões impõe! O Funcionario impóra? Os ladrões cospem-lhe na cara, prostituem-lhes o lar, enterram-os por fim. Bandidos!

E não ha pudór, não trem e uma caneta quando um bandido escreve assim: «Córte senhor Cunha Leal, que não ha o direito de pedir sacrificios à Nação em antes da eliminacão de **coisas** assim».

As **coisas** assim são: o militar que os defende; o professor que os ensina, o funcionario que os serve!

E teem razão, final!

Para que serve um ósso mal-dito a uma fera de tanto comer? Corte se! hor Cunha Leal! Corte sempre, pois não terá, ao fim, rémorsos de ficar manchado com sangue!...

O sangue sugou-o ha muito o **ladrao** que só pagará o seu centavo quando nós tivermos contribuido com as nossas vidas.

Cautela porém! Lembre-se senhor Cunha Leal da fabula da vibora e do homem.

A vibora **regelada** depois de aquecer não reconhecerá os seus beneficios e V. não está livre de pagar cara a generosidade de apertar contra o peito os bandidos, os ladrões de Portugal!

Secção Alegre

—Doutor, está a comer lagosta e disse-me outro dia:

«Teiho o meu estómago exactamente como o seu, portanto conheço o seu mal. Se se quiser curar não como nunca lagosta.»

—E' verdade, disse-lhe tudo isso, mas eu... não me quero curar.

* * *

Disseram a Calino que havia uma propriedade para vender que produzia as célebres azeitonas da região.

—E que azeitonas são essas?

—São de Elvas.

—Pode dizer-me para que lado do país fica essa propriedade, perguntou ele logo.

Theatro D. Afonso Henriques

Nos dias 11 e 12 do corrente, realisam-se 2 grandes espectaculos de assinatura pela grande Companhia Alves da Cunha-Berta de Bivar, com as seguintes peças: «Duas Causas» e «A Garra».

A assinatura acha-se aberta no Café Avenida, até ao dia 9, para os srs. «habitues» do Viciu-anes-Cine que teem a preferencia de logares.

Monumento religioso e artistico quasi em ruinas

Continuam as adesões dos amigos da arte em favor da capella de N. S.ª da Conceição, que o tempo tenta cair e fazer desaparecer a nossos olhos, como que dando por finda a missão dessa quasi reliquia das gerações que passaram e passa.

SUBSCRIÇÃO

Transporte... 1.033\$00

Augusto Mendes da C. e Castro	5\$00
Anónimo M. M.	10\$00
António Alves Ferreira	5\$00
António Luís da S. Dantas	5\$00
Manuel Dias	5\$00
Camilo L. dos Reis	10\$00
Eduardo Lemos Mota	20000
Quintino T. d'Abreu	10\$00
D. Rosa Soares Teixeira	5\$00

ASSUNTOS COLONIAIS

O momento de crise que Portugal atravessa, não é mais do que o reflexo da crise geral que assobberba o mundo inteiro. Assim o compreendem de certo todos aqueles que não formam juizos, nem tiram conclusões, só pela apparencia dos factos, umas pelo contrario desceem a uma análise minuciosa das origens proximas ou remotas d'esses factos.

Todo este desequilíbrio das funcções politicas e sociais a que assiste a geração actual, independentemente da sua feição própria, e especifica, consoante os paizes e as raças tem um sub-tractum unico, causa primacial, origem comum: a questão economica.

Porque assim é, não devemos nós homens conscientes, cruzar os braços e esperar a desagregação completa, impossivel de remediar.

Pelo contrario temos o dever de mostrar ás gerações futuras, que sobémnos compreender e bem desempenhar o nosso papel, como órgãos de pensamento e de acção.

Só pelo trabalho nós conseguiremos debelar o morbo; trabalho que deve ter todas as características d'uma acção levantada, consciente e útil.

Não o trabalho que deprime moral e fisicamente, base das explorações em que beneficia um só a custa do sacrificio de muitos; mas aquele trabalho que gostosamente se aceita e executa, que nos fortalece o corpo e o espirito, factos primacial de todos os movimentos de reconstituição.

Portugal tem a dentro das suas fronteiras muita energia criadora a aproveitar no sentido da exploração e integral desenvolvimento de todas as suas riquezas naturais.

Erros acumulados, vicissitudes vários e por fim e pavorese desequilíbrio causado pela conflagração europeia em todos os ramos de actividade humana, conduziram-nos a este momento actual de crise, em que indistintamente se amalgamam os factos politicos, e economicos, n'uma tremenda confusão que é a origem de todos os movimentos de acção violenta, perturbadora e improductiva.

Conicionados n'este sentido, precisamos de reagir, chamando a forma todos os valores dispersos, conjunto todos os esforços no sentido do maior rendimento util, disciplinando as vontades, suprimindo as deficiencias pelo auxilio a todas as iniciativas de productividade, n'uma

palavra, estabelecendo uma verdadeira organização do trabalho.

Muitos supõem que os principios assim estabelecidos não passam de méras utopias, theses de feição theorica de que é impossivel tirar conclusões práticas.

Que assim não é prova-o a existencia de certas organizações, que, tomando por norma esses principios, estão já hoje realisando uma parte importante do seu fundamento programma de trabalho.

Vamos apresentar como exemplo a Sociedade Agricola Industrial de Angola, Limitada, com sede em Lisboa, na Travessa dos Remolares, n.º 10-3º.

Atendemos a que um dos problemas mais instantes é o do fomento colonial, um grupo de valores técnicos de várias especialidades, todos eles feitos á vida prática unicamente pelo seu esforço próprio, organizou-se em Sociedade com o fim de exercetem a exploração agricola e industrial n'uma concessão de terrenos em Angola.

Num trabalho lento, seguro e inteligentemente orientado, ha dois anos que vem preparando as bases para a efectivação do plano.

São trez os volumes de propaganda já publicados e neles se expõem duma forma clara e precisa, os modernos processos de trabalho colectivo, em que ao lado do interesse próprio dos seus organizadores e colaboradores, sobressai uma finalidade eminentemente constructiva e altamente patriótica.

A exploração vai exercer-se numa área de 150.000 hectares de terreno, cuidadosamente demarcado, sendo parte na região do Quanza Sul, parte no Planalto de Malange.

Alem duma intensa exploração agro-pecuaria e industrialisação de todos os productos naturais, pensou a Sociedade muito a sério no problema da colonisação, estudando detalhadamente todos os meios tendentes á fixação do colono europeu, e ao desenvolvimento e aproveitamento das aptidões da raça indigena.

As granjas experimentais já em funcionamento, teem dado resultado surpreendentes em culturas de cereais.

A Sociedade trata ao presente da sua financiamento e tudo leva a crêr que o capital empregado neste empreendimento deve ter um curto espaço de tempo uma alta remuneração.

É no trabalho assim organizado que devemos procurar o resurgimento de Portugal.

Ex.º Sr.